

Geração batucada

O novo LP de Sérgio Mendes sinaliza uma nova tendência na MPB de exportação: o som de raízes

No tempo em que yes, tínhamos bananas, os sons do Brasil que chegavam ao exterior evocavam um lugar povoado de Zés Cariocas onde morenas bem fornidas requebravam equilibrando fruteiras na cabeça. Noutra época, a da bossa nova, Brasil passou a ser o nome de uma praia paradisíaca onde mulheres esguias balançavam a caminho do mar, e esse rebolado inspirava a batida sincopada e o canto sussurrado de um punhado de jazzistas tropicais. A essas duas imagens está se juntando uma terceira. A nova música brasileira de exportação, que tem uma batucada rude, canto gutural e letras em dialetos às vezes mais remotos — sem nenhum parentesco com a língua portuguesa —, desenha na mente do ouvinte estrangeiro uma imagem que nada tem a ver com a praia paradisíaca de tempos atrás. A nova batucada evoca uma terra selvagem, onde ritmos nunca dantes navegados aguardam por desbravadores. Nunca antes o Brasil, aos ouvidos de quem não é brasileiro, se situou tão próximo da África.

A passagem de bastão entre a praia de ontem e a selva de hoje tem como marco o novo LP do cantor e compositor Sérgio Mendes, *Brasileiro*, recém-chegado às lojas. Egresso da bossa nova, Sérgio Mendes mora há 28 anos em Los Angeles, foi o primeiro cantor a transformar uma música totalmente cantada em português — *Mais Que Nada*, do então Jorge Ben — em grande sucesso nos Estados Unidos e, depois de tantos anos com um pé lá e outro cá, é considerado o melhor termômetro da música brasileira de exportação. Sua receita sempre foi misturar a suavidade da bossa nova com o ritmo brasileiro que estivesse em voga no momento. Em *Brasileiro*, Sérgio Mendes dá uma virada radical ao largar a praia da bossa nova para mergulhar na selva de ritmos da nova música brasileira de exportação. "Sempre quis fazer um trabalho que mostrasse o leque am-

plo de estilos que existem no Brasil", diz Sérgio. "Encontrei, finalmente, uma tendência de mercado favorável a isso."

PERFORMÁTICO — Para entrar na selva, Sérgio deu uma de Paul Simon: tomou um avião e veio para o Brasil pesquisar os ritmos nativos, onde gravou o disco. O guia local das aventuras do buana Sérgio Mendes foi o percussionista baiano Carlinhos Brown, que empresta o molho de sua batucada à maior parte das faixas do LP. Carlinhos, que roubou o sobrenome do ídolo James Brown, é há tempos o percussionista de dez entre dez cantores baianos. Ajudou Luiz Caldas a fundar o fricote e tocou com todos os cantores de samba-reggae. Compositor, Brown é o autor da música de maior sucesso do LP *Estrangeiro*, de Caetano Veloso, *Meia-Lua Inteira*. Com o velocí-

metro ajustado no ritmo Dorival Caymmi, Brown trabalha nos finais de semana — dando aulas de música — e dedica os dias que vão de segunda à sexta à criação de novas músicas, que anota num papel numa grafia que só ele entende. Brown não estudou música e não sabe ler partituras. Aprendeu a tocar batucando nas latas que usava no tempo em que era aguadeiro em Salvador. Aguadeiro, para quem não sabe, é o sujeito que, nos lugares onde não há saneamento, vai até a bica com latas para encher de água e depois distribuir à vizinhança.

Carlinhos Brown é um representante típico da nova música brasileira de exportação por possuir várias características comuns aos integrantes dessa safra. Primeira característica: nasceu na Bahia, Estado onde, mais do que em qualquer outro, é possível encontrar os ritmos afro-brasileiros em estado bruto. Segunda: foi lançado no exterior sem ter uma carreira consolidada no Brasil. Antes de brilhar no disco de Sérgio Mendes, Brown, que não tem nenhum LP gravado no Brasil, já havia participado da coletânea *Bahia Black*, produzida por Bill Laswell, o papa da world music nos Estados Unidos, e lançada pela Mango Records, a maior



Ivo Perelman: "Os ritmos puros estão valorizados"

ARTISTAS: S. MENDES

De Ipanema ao Fuji-Yama

Cantoras de bossa nova conquistam o Japão

O estrondo retumbante dos atabaques da selva não foi suficiente para abafar o canto sussurrado da bossa nova. Ela continua sendo o principal produto musical de exportação do Brasil, com apenas uma diferença. Enquanto a guarda de ouro da bossa, de João Gilberto e Tom Jobim, ia fazer shows nos Estados Unidos, a nova geração, na qual despontam cantoras como Joyce e Leila Pinheiro, encontrou um novo eldorado: o Japão. "Desde 1985, percebi um crescimento no interesse pela música brasileira nascida da bossa nova nos mercados americano, europeu e, principalmente, japonês", diz a cantora e compositora Joyce, de 44 anos. Ela segue numa trilha aberta por Nara Leão, que fez dezenas de shows no Japão.

Sem nunca ter estourado no Brasil, Joyce resolveu entrar com tudo no mercado internacional a partir do ano passado, quando lançou o ótimo LP *Music Inside*, que continha algumas faixas em inglês. Foi um sucesso: duas turnês nos Estados Unidos, um mês no Japão, uma turnê na Europa, duas viagens aos Estados Unidos para o lançamento do disco e críticas entusiásticas do *The New York Times* e do *Le Monde*. "Eu trabalho em condições melhores lá fora", festeja. Suas músicas tocam nas rádios, a produção dos espetáculos é mais profissional, há cobertura da imprensa e condições econômicas para se pagar uma banda. No Brasil, por falta de dinheiro, ela se restringe ao banquinho e ao violão.

CURIOSO E CONSUMISTA — Joyce não hesita em apontar o Japão como o melhor mercado para a bossa nova. Ela define o público japonês como curioso, consumista e copiador de bossa nova. O europeu, que adora exotismos, delira ao ouvir o ritmo brasileiro. Já nos Estados Unidos, o público é mais conservador — e ela sempre reserva músicas em inglês para agradar à platéia.

A paraense Leila Pinheiro, de 31 anos, é outra herdeira da bossa nova que apostou no mercado japonês. Ela nunca se apresentou nos Estados Unidos e na Europa, mas fez shows no Japão em 1986 e 1989. "A receptividade chega a ser maior do que a daqui. Os japoneses conhecem bossa nova e aprenderam a gritar, em português, 'mais um', ao final dos shows", conta ela. Seu disco *Bênção, Bossa Nova*, lançado em 1989, era voltado para o mercado japonês. Na onda do revival do gênero no Brasil, acabou fazendo sucesso também por aqui — vendeu 150 000 cópias, um recorde na carreira de Leila. Depois de



Leila: "Eles aprenderam a gritar 'mais um' "

conquistar o Brasil e o Japão, a cantora está agora de olho em outros mercados. Ela está preparando um novo disco ao qual pretende dar uma cara internacional, até com canções em inglês. "É preciso ampliar fronteiras. A bossa nova faz sucesso porque é um misto da brasilidade do samba com o suingue do jazz", pontifica. "Vou investir numa bossa nova mais jazzística, da linha do João Gilberto, que os estrangeiros adoram." Parece que, para os brasileiros que seguem a linha da bossa nova, a melhor saída continua sendo, como diria Tom Jobim, o aeroporto do Galeão.

cussão por aqui. "Houve um desgaste dos ritmos predominantes nos Estados Unidos, o rock e o funk", diz Margareth, que se concentra em San Francisco para sua turnê de 29 shows percorrendo Estados Unidos, Canadá e Itália. "Os ritmos afro-brasileiros têm agora sua grande chance." Coincidência ou não, até os monstros sagrados da MPB que desenvolvem carreira internacional estão enveredando por caminhos mais "primitivos", em sintonia com a nova tendência. Milton Nascimento, em seu LP de 1990, *Txai*, incluiu faixas com cânticos indígenas. Como na época ainda não se sabia das truculências de Paulinho Paiakan, o disco foi até indicado para o Grammy de tão politicamente correto que era. Já Caetano Veloso, que posara de nova-iorquino em *Estrangeiro*, o disco mais borocoxô de sua carreira, retomou a percussão baiana em *Circuladô*. Foi aplaudido pela crítica americana. "Musical e politicamente, o disco

evoca uma visão pluralística de uma cultura mundial composta de diversas harmonias possíveis", escreveu o crítico Stephen Holden na última edição da revista *Rolling Stone*.

A onda de volta às raízes contagia não apenas os cantores mas também uma outra área na qual, aparentemente, não existem fronteiras de países — a música instrumental. O guitarrista Ricardo Silveira incluiu ritmos folclóricos em seu novo disco lançado nos EUA, *Small World*. Mais radical, o saxofonista Ivo Perelman, que mora há dez anos em Nova York, resolveu fazer como Paul Simon e Sérgio Mendes e passou uma temporada na Bahia antes de gravar seu novo disco, *Children of Ibeji*.

"A música brasileira que estava acontecendo aqui era a urbana", teoriza Ivo. "Hoje, há uma tendência de valorizar os ritmos puros, um filão inexplorado", diz o artista, que é respeitado nos meios jazzísticos americanos por ter um estilo marcante e despojado. Mesmo que não conquistem as paradas de sucessos, os artistas da nova música brasileira de exportação constituem uma turma criativa que vem, de uma forma ou de outra, modificando o conceito de MPB no exterior. Parece que mais difícil do que conquistar o mundo é fazer sucesso no Brasil. Artistas como Carlinhos Brown, Margareth Menezes ou Ivo Perelman ainda são pouco conhecidos no pedaço do país que fica além das fronteiras da Bahia. ■